FLEISCHER, Soraya ; NAVA, Elena & ALENCAR, Potyguara (orgs.). 2016. *Pensando o capitalismo contemporâneo : um* Festschrift *a Gustavo Lins Ribeiro*

Brasília : LetrasLivres

Luiz Carlos Lages

REFERÊNCIA

FLEISCHER, Soraya ; NAVA, Elena & ALENCAR, Potyguara (orgs.). 2016. *Pensando o capitalismo contemporâneo : um* Festschrift *a Gustavo Lins Ribeiro*. Brasília : LetrasLivres. 400pp.

1 Este *festchrift* – ou livro de celebração em vida de um acadêmico reconhecido – é uma homenagem a Gustavo Lins Ribeiro feita por suas ex-orientandas e orientandos. Ribeiro é professor do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília desde 1988 e hoje também leciona na Universidade Autônoma Metropolitana do México. A homenagem se deu na ocasião de sua aposentadoria da UnB.

2 Além do prefácio de José Sérgio Leite Lopes (UFRJ), a obra é composta por uma apresentação e uma entrevista com o homenageado, seguidas por onze capítulos escritos por algumas de suas ex-orientandas, que demonstram as reverberações dos ensinamentos de Ribeiro nos seus interesses e métodos de pesquisa. O livro, assim, é fruto de redes entre pessoas tocadas pelos projetos de Ribeiro e se propõe, por isso mesmo, a ser um "flanco de reflexão sobre a prática de orientação" (:17).

3 A apresentação, "Dos verbos, das ideias e dos afetos", foi escrita pelas três organizadoras do livro, orientadas por Ribeiro em seus mestrados : Soraya Fleischer,

Elena Nava e Potyguara Alencar. O texto lembra a relação de orientação e revela memórias do contato e dos ensinamentos do homenageado. As organizadoras também entrevistam Ribeiro, que fala de sua infância, de sua chegada em Brasília, da entrada na universidade, do interesse pela antropologia e de detalhes de seu percurso profissional. Os capítulos em si são divididos em três partes, que por sua vez representam os principais temas com os quais Ribeiro se debruçou ao longo de sua trajetória acadêmica. Todos são fruto de trabalhos de campo realizados sob a orientação de Ribeiro já no século XXI.

4 A primeira parte do livro, "Movimentos, políticas e Estados", é composta por três capítulos que enfrentam o desafio de descrever as relações conflituosas de movimentos sociais com o Estado e as projeções globais que atravessam estes conflitos. O capítulo de abertura, "Palavras no tempo : reflexões sobre o fazer antropológico", de Larissa Ribeiro, é uma resposta tardia a indagações de Gustavo na véspera da defesa da dissertação da autora, que investiga algumas das dimensões intersubjetivas do fazer antropológico por meio da relação de validade entre a atividade etnográfica e o uso de fontes documentais. A discussão se dá a partir de sua pesquisa sobre a expropriação dos moradores das "pequenas roças" situadas às margens do Rio Uberabinha, em Uberlândia (MG), diante da ofensiva da prefeitura e de seu projeto de cidade "desenvolvida".

5 No segundo capítulo, "Movimentos indígenas e seus sujeitos no Brasil e no México", Elena Nava retorna às pesquisas realizadas durante seu doutorado para propor um exercício comparativo entre comunicadores indígenas ligados ao Conselho Indígena de Roraima (CIR) e outros ligados ao Espacio de Comunicación Indígena del Istmo (ECI) de Oaxaca. Esses sujeitos são abordados em suas maneiras de compreender os movimentos dos quais fazem parte, seus processos de politização e as possibilidades de intercâmbio entre os coletivos que os circundam.

6 O capítulo que fecha a primeira parte, "A ocupação da Câmara Legislativa do DF : um estudo de caso com foco no ativismo autonomista brasiliense", trata de um episódio ocorrido durante o doutorado de Adriana Coelho Saraiva sobre o Movimento Passe Livre do Distrito Federal. Sob a ótica do ritual, a autora aborda o caso de uma ocupação da Câmara Legislativa do DF por uma série de movimentos em resposta ao escândalo de corrupção conhecido como Caixa de Pandora. Com isso, investiga as propostas de novas gramáticas da ação política por movimentos sociais que desafiam os limites da democracia representativa e expandem os horizontes da imaginação política.

7 Na segunda parte do livro, "Desenvolvimento, ambientalismo e indigenismo", os capítulos tratam das intersecções entre esses eixos, que compõem uma das áreas de maior produção de Ribeiro, evidenciando a multiescalaridade dos processos de governo de povos e territórios. O primeiro deles, "*Otra cosa es con guitarra* : a plurinacionalização da Bolívia e os impasses do desenvolvimento", de Renata Albuquerque de Moraes, parte de uma experiência etnográfica da autora com alguns dos povos indígenas do Território Indígena e Parque Nacional Isiboro-Secure (TIPNIS) e seus movimentos de resistência à construção de uma *carretera* nesse território. O artigo desvela alguns dos dilemas enfrentados pelo projeto de Estado Plurinacional da Bolívia e de sua proposta de *vivir bien*, que promete inaugurar uma nova fase de organização política e econômica nacional, mas corre o risco de perpetuar relações e estruturas clássicas do Estado, bem como de seus projetos de desenvolvimento com os povos indígenas.

8 O capítulo seguinte, “Reencontro desenvolvimentista : configurando novas bases ao indigenismo continental”, de Ricardo Verdum, aborda a noção de etnodesenvolvimento e o perigo de que este se transforme numa atualização do projeto integracionista. Por meio de um resgate das relações entre agências estatais e internacionais no século XX, o autor mostra como o etnodesenvolvimento, muito embora tenha prometido desvencilhar-se das velhas tradições de administração, acabou por se converter em uma “nova velha utopia do indigenismo latino-americano”.

9 O sexto capítulo, “Emergência indígenas, níveis de integração e composições em dramas desenvolvimentistas”, de Potyguara Alencar, é baseado na pesquisa de mestrado do autor, sobre a implantação do complexo industrial e portuário do Pecém (CE) e a re-emergência indígena Anacé. O enfoque do autor subverte leituras usuais da academia, em que os povos indígenas são vistos como sujeitos passivos que sofrem com o “drama desenvolvimentista”, ao mostrar como a mobilização contra-hegemônica e a reelaboração da consciência cultural do grupo Anacé levaram o Estado e as empresas a ter de lidar com outras maneiras de processar e implementar um projeto de grande escala.

10 O capítulo que fecha a parte dois, de autoria de Rodrigo Augusto Lima de Medeiros, intitula-se “Configurações de um governo da natureza : ambientalismo e desenvolvimentismo em disputas hegemônicas para a Amazônia”. O autor explora o sentido da expressão “internacionalização da Amazônia” a partir de um resgate da formação da hegemonia política no território amazônico, cuja geopolítica ambiental se tornou uma forma de governo do território fundada pela politização e militarização de temas ambientais pelas elites hegemônicas transnacionais e seus aparatos técnico-burocráticos.

11 A terceira e última parte do livro, “O transnacional e o glocal”, é composta de capítulos que enfatizam o que Ribeiro chama de “outras globalizações” e suas dinâmicas de vida e trabalho marginais em relação à globalização hegemônica. O capítulo que abre essa parte final, “Imagens do operariado na indústria do aço no Brasil”, apresenta resultados da pesquisa de Fernando Firmo sobre a formação do operariado industrial do aço no Brasil pela empresa estatal Acesita, localizada no município de Timóteo (MG), importante etapa da “modernização” do país, da qual o arquivo tradicional guarda apenas registros de heroísmo. O autor se utilizou de fotografias dos primeiros tempos da usina e da formação da vila operária para acessar memórias de seus interlocutores de pesquisa, de forma a dar cor às velhas fotografias para compor um retrato do “tempo do braço”, quando o funcionamento da fábrica ainda era manual.

12 Em seguida, vem o capítulo de Gonzalo Díaz Crovetto, “Tripulantes de Corral : barcos, trabalho e deslocamentos”, baseado em seu doutorado sobre as jornadas daqueles “esquecidos que garantem o transporte global”. Por meio de um trabalho etnográfico com três gerações de *tripulantes* (a categoria que embarca para o trabalho em alto-mar) nas cidades de Corral, Santiago, Valparaíso e Valdívia, no Chile, assim como na região espanhola da Galícia, o autor revela algumas das histórias destes trabalhadores, as dificuldades das ausências em casa, a transnacionalização das relações de trabalho e as hierarquias étnico-raciais nos barcos e nas empresas.

13 O penúltimo capítulo ficou a cargo de Rosinaldo Silva de Sousa. “O lado sombrio da globalização popular” nos leva das favelas do Rio de Janeiro aos plantios de coca da Bolívia para explorar noções de crime, informalidade e pobreza e, assim, evidenciar distinções conceituais e empíricas entre economias ilícitas e informais, que cultivam

diferenças em relação ao papel e à centralidade da violência na sua organização. Por meio de uma visão etnográfica das especificidades locais, o autor oferece uma alternativa às concepções "estadocêntricas" de entendimento dessas transações econômicas marginais.

14 O último capítulo do livro, "Um dedo de prosa sobre a antropologia dos fluxos globais : apresentando a globalização do (((amor))) e a cosmopolítica de uma nova era", de Sandro Martins de Almeida Santos, é escrito com base em sua tese de doutorado sobre migrantes transnacionais em Alto Paraíso (GO). Por meio da etnografia de um casamento "judaico", o autor analisa a cosmopolítica do (((amor))), proposta que envolve a apropriação de diferentes modelos religiosos em um movimento de globalização "fora dos trilhos", onde pessoas que buscam "alternativas" à cosmopolítica imperialista se reúnem em lugares "pacíficos" para viver o projeto de uma nova moralidade numa *communitas* planetária.

15 O livro, assim, é uma fascinante jornada pelos mais variados cenários e demonstra a potência da etnografia. A maior prova da força do projeto intelectual de Ribeiro talvez seja o legado que ele deixou a gerações de pesquisadores de um engajamento com as mais diversas temáticas, e não poderia haver melhor celebração que esta homenagem prestada por algumas de suas ex-orientandas. É um texto obrigatório para quem quiser se lançar ao desafio de pensar a contemporaneidade por meio das antropologias da política, do desenvolvimento e da globalização. Um livro que convida muitas releituras.

AUTORES

LUIZ CARLOS LAGES

PPGAS/UnB
lclages[at]gmail.com